

Amec expande atuação para o mercado de crédito privado

Fernanda Guimarães
De São Paulo

Passar a atuar com as demandas dos investidores de crédito privado havia sido uma das missões estabelecidas no ano passado pela Associação de Investidores no Mercado de Capitais (Amec), que representa 60 fundos com cerca de R\$ 900 bilhões investidos na bolsa brasileira. O plano, uma das maiores guinadas da história de 17 anos da associação, vinha sendo trabalhado para ser colocado em prática no futuro próximo.

O que não se esperava era que um dos maiores eventos corporativos da história do mercado de capitais brasileiro, a descoberta do rombo bilionário no balanço da varejista Americanas, iria acelerar — e muito — as discussões. E, para dar mais combustão, na sequência, o calote de Light, que tem assustado investidores, que provou que o momento de acompanhar

e ser ativista também no mercado de dívida já tinha chegado.

Não é a à toa que a primeira reunião da Amec sobre esse mercado, nesta quarta-feira, terá como centro da mesa de discussões o caso da Light, às vésperas da assembleia da companhia, marcada para o dia 27 e cercada de polêmicas, depois de a empresa de energia elétrica ter pedido medida cautelar para deixar de pagar os credores e ter se tornado alvo de ações de debenturistas na Justiça.

“Vamos fazer uma primeira reunião com grupos de associados e gestoras de mercado para fazer uma avaliação sobre o caso”, afirma o presidente da associação, Fábio Coelho.

A Amec foi criada em 2006, exatamente diante do diagnóstico de que, por conta do crescimento do mercado de renda variável no Brasil e a consequente chegada de mais investidores, incluindo grandes fundos estrangeiros, o mercado precisaria de um agente para

tratar as pautas em comum. Sua estruturação se deu poucos anos após a criação do Novo Mercado da B3, que acabou sendo um balizador de melhores práticas de governança corporativa e que tinha por trás o objetivo de trazer seguranças aos investidores que chegavam pela primeira vez ao Brasil via bolsa de valores.

Ao longo dos anos, a Amec adotou várias frentes de atuação. Além de se posicionar em pautas relevantes para os investidores, como se colocar contra, mais recentemente sobre possíveis alterações da Lei das Estatais, a associação é ativa em audiências públicas que tratam de mudanças de regulação do mercado de capitais. Também passou a se manifestar publicamente sobre eventos corporativos que foram polêmicos, como a compra da Linx pela Stone, e também sobre uma criticada adoção pela Vale do chamado “voto contrário” na eleição do conselho de administração,

item que acabou sendo, no final, tirado da pauta pela mineradora.

Agora, a ideia é trazer a experiência coletada para o mercado de crédito, em um momento de muitos desafios para o setor.

Com o cenário de juro alto e empresas sufocadas por despesas financeiras, o executivo da Amec prevê que, após os casos já públicos de reestruturações, outros podem vir. “Agora queremos nos aproximar das gestoras que tem como principal atividade o fundo de crédito”, diz.

A busca da entidade será criar uma interlocução permanente com esse mercado, que tem crescido no Brasil, atingindo, conforme dados da B3, emissões de cerca de R\$ 445 bilhões no ano passado.

“Ter uma associação por trás das discussões vai ajudar a congregar as demandas, o que é melhor do que se tratar o assunto de forma dispersa”, afirma o presidente da Amec.

No escopo dessas discussões,

além de tratar de casos específicos e com maiores repercussões para os investidores — caso da Light —, a associação quer abarcar demandas que tenham como objetivo o aperfeiçoamento desse mercado, por meio de mudanças regulatórias, junto à Comissão de Valores Mobiliários (CVM), ou até mesmo da legislação, tratando com o Ministério da Fazenda.

Uma das missões da Amec ao trazer para dentro de seu escopo de atuação o crédito privado diz respeito à queixa de credores de que há pontos que precisam ser melhorados na comunicação e na transparência entre as companhias e esse público. “A visão é de que é preciso trazer essa disciplina, ainda mais em um momento em que estamos vivendo, com alta alavancagem das empresas e necessidade de reestruturação”, afirma o executivo.

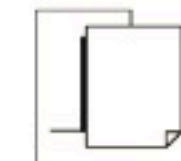
Um dos objetivos é de deixar esse credor mais próximo da companhia, para que o mesmo

não seja visto como uma “figura estranha” no momento de necessidade de haver uma conversa.

“A ideia é termos um fórum permanente de discussão. Quando se olha a figura do credor do crédito privado o olhar é de estranhamento e é preciso buscar as melhores práticas para se colocar as partes em pé de equilíbrio”, diz Coelho.

Ainda que o lançamento do novo braço de atuação da Amec se dê em um contexto de volatilidade no crédito, Coelho frisa que o mesmo ocorre em um momento em que o mercado está mais profundo. Um dos exemplos é o desenvolvimento de um mercado secundário de debêntures. “O número de gestoras com fundos de crédito reforça essa leitura”, diz o executivo.

Valor **investe.com**



Leia reportagens sobre investimentos e finanças pessoais

www.valorinveste.com